DO

OUTRO LADO

DA RUA

Valdemar Amarilha Rodrigues

1ª edição – 2021
São Paulo - SP

Música: Caçador de Mim
(Milton Nascimento)

Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz
Manso ou feroz
Eu, caçador de mim

Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar
Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim

Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo, medo
Abrir o peito a força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura

Longe se vai
Sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim...

Compositores: Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, me permita compartilhar com você um pouco da experiência adquirida ao longo do caminho que percorri na construção de minha história, principalmente no tocante ao que imaginamos sobre aspectos como tempo, passado, futuro, presente e por consequência sobre nós mesmos no decorrer de toda nossa vida.

Desde muito cedo uma coisa me chama a atenção no comportamento das pessoas, em especial a forma como elas lidam com essa coisa chamada tempo e principalmente no que se refere ao acúmulo do tempo vivido, melhor dizendo, quanto ao passado de cada um e tenho notado que nós, simples mortais, criamos alguns paradigmas ou dogmas, certamente na tentativa de justificar o injustificável ou explicar o inexplicável.

À medida que vamos envelhecendo é quase que natural e parece até obrigatório que comecemos a colocar nossa história de vida em um lugar pré-definido a cada um, como se criássemos uma linha do tempo onde seu início é um ponto fixo e de onde vamos nos distanciando com o passar dos anos, entretanto durante toda nossa infância e também nossa juventude, pouco nos importamos com essa linha e com esse ponto inicial.

Somente quando atingimos certa idade e principalmente quando possuímos a característica do romantismo pela vida em si é que começamos a olhar para a linha do tempo de nossa vida e é aí que muitas vezes começa um longo período de reflexão que pode até definir se teremos uma terceira idade mais leve, descontraída e sem sentirmos o peso do tempo ou se passaremos esse período mergulhado em amarguras e sofrimentos como se carregássemos um fardo deveras pesado em nossos ombros.

Creio mesmo que isso acontece invariavelmente devido a essa distância que estabelecemos entre nosso tempo atual e nossa infância ou nosso passado propriamente dito, e sem importar se naquele distante tempo fomos felizes ou não, acabamos por transformar esta distância em um fator de pesar.

Quem nunca ouviu uma frase do tipo:

- “ahh bons tempos aquele...”
- “... naquele tempo eu era feliz e não sabia.”
- “saudades daquele tempo que não volta mais.” ou ainda,
- “... isso faz tanto tempo que já nem me lembro, se perdeu no tempo...”

Você certamente já ouviu alguém dizer: “... minha infância está lá num passado muito, muito distante...”

E por falar nisso, eu lhe pergunto caro leitor, onde está tua infância neste momento?

Não estaria ela também lá no distante ponto inicial da sua linha do tempo?

Convido você a fazer uma viagem na linha do tempo da minha experiência de vida, quem sabe você acabe por encontrar alguns pontos semelhantes, não referentes a fatos, mas sim às suas vivências em seu próprio tempo...

O AUTOR

EU...,

NÓS!

PONTO DE PARTIDA

Estávamos no ano de 1973 na boa e velha cidade morena, assim chamada carinhosamente aquela Campo Grande do então Mato Grosso, onde a vida seguia seu curso natural..., éramos quatro em nossa família, eu, minha irmã a quem chamo de Mana desde sempre, minha mãe e o “Seu Pedro”, aquele que nos reconheceu como seus filhos legítimos desde os primeiros anos de convivência.

Cada um tinha sua atividade diária, nossa condição econômica não nos permitia ficar em casa como as crianças de famílias abastadas, muito cedo ouvimos o chamado da realidade que era comum naqueles tempos, apesar disso por incrível que pareça houve uma época que não se distinguia muito o ser rico ou pobre, a vida nos acolhia a todos com a mesma simplicidade e isso facilitava para que pessoas como nós simplesmente se lançassem na busca pela subsistência sem maiores traumas ou coisa que o valha de tal forma que era natural crianças buscarem algum trabalho para contribuir com o sustento da família, assim aprendemos rápido o significado de lutar para realizar nossos desejos.

Esta realidade nos encorajava a tomar pequenas decisões à revelia, como foi o fato de Mana decidir se matricular no Colégio Estadual Campo-grandense e assim realizar um de seus sonhos alimentados desde a infância.

Eu que sempre fora muito apegado à minha irmã, me tornava cúmplice de algumas de suas peraltices, contribuindo como possível para que ela realizasse algumas de suas proezas, desta feita eu seguia matriculado em outro colégio sem que nossa mãe soubesse.

Certa vez quando voltava do Colégio 26 de Agosto onde eu estudava, após mais uma noite letiva, e como

combinado com Mana, eu a encontraria pelo caminho para chegarmos juntos em casa e assim dissimular a realidade que ocultávamos de nossos pais, o fato de que ela estudava em outro colégio sem que eles soubessem, pois não consentiriam tal situação, não nos restando alternativa que não fosse criar e executar tal proeza, assumindo todos os riscos logicamente.

A façanha seria minha irmã estudar no tão sonhado “Colégio Estadual Campo-grandense”, hoje chamado de Escola Maria Constança Barros Machado, cuja obra foi projetada por Oscar Niemeyer, havíamos finalmente encontrado uma forma de driblar nossa precária e limitante realidade aliada à incompreensão e rigidez de nossa mãe.

Quando cheguei ao ponto marcado, não a vi, e decidi que iria ao seu encontro para não ficar ali parado na solidão da noite e assim segui em frente e já tendo caminhado alguns quarteirões, de súbito uma força estranha me arrastou de volta, sem a menor justificativa, retornei os quarteirões caminhados, quando a consciência me chamou mais alto e então voltei ao objetivo, novamente caminhei os mesmos quarteirões quando aquela força venceu minhas pernas e me deteve.

Fiquei alguns segundos parados no meio da noite com apenas 13 anos, sem compreender bem o que me ocorria, e novamente impulsionado pela consciência e amor por Mana, retomei meu caminho rumo ao seu encontro, já ia longe...

Quando misteriosamente aquela força descomunal me fez desistir e voltar novamente, e desta vez em definitivo rumo a nossa casa, minha consciência me dizia que eu estava cansado e sonolento, e que não me importaria com minha irmã naquela noite..., voltei meio cabisbaixo até que finalmente cheguei e sorrateiramente me acomodei em minha

cama para não chamar a atenção da mamãe o que certamente denunciaria nosso segredo.

Adormeci profundamente, como se os amigos do outro plano me preparassem para o que viria logo em seguida..., acordei de súbito, devia ser por volta das três horas da madrugada, quando minha mãe me acordou perguntando por Mana, sem abrir os olhos respondi que ela estava voltando do colégio, mas minha mãe já trazia na voz o tom de uma preocupação profunda.

Não me restou alternativa a não ser a de saltar da cama, e quase que simultaneamente notamos o clarão dos faróis de um carro iluminando nosso quintal, sem hesitar sai e fui atender os visitantes noturnos e desconhecidos.

E sem maiores delongas, foram logo perguntando se ali era a casa da Maria Iolanda de tal, um arrepio tomou conta da minha alma, após a afirmativa veio a notícia que mudaria para sempre nossas vidas e principalmente da minha querida Mana, ela havia sofrido um terrível acidente de carro, pois “cabulara aula” para ir a um passeio com alguns amigos de sala, coisas de jovens, era um jeep sem capota, dirigido por um jovem de nome Raimundo Mareco, viverei cem anos e não me esquecerei desse nome, numa curva na cidade universitária o condutor perdeu o controle do veículo e capotou, havia cinco garotas naquela aventura...

Como saldo houve uma perda definitiva, outras com ferimentos graves e Mana que carrega ainda hoje o peso de ter comprometido as funções de seu braço esquerdo de maneira permanente, mais do que traumas restou a ela uma vida de profundo ressentimento e contida reflexão acerca de pequenas atitudes a que somos levados pelo impulso da juventude e que por vezes nos cobra um preço demasiadamente alto lá no adiante.

Não preciso dizer que hoje quase cinquenta anos depois daquela fatídica noite eu e mais do que ninguém minha irmã sofre as consequências daquela doce aventura de uma jovem de 19 anos, não há que se falar em culpa, responsabilidade ou coisa que o valha, haja vista que acredito sim que cada um de nós chega a este plano com uma missão ou tarefa a ser cumprida da melhor maneira, portanto só nos cabe ter a sabedoria, a paciência e a coragem de bem executar cada qual sua missão, cujo propósito inequivocamente é a própria evolução como ser humano.

Não raramente me pego rememorando cada momento daquela fatídica noite de cinco de julho de 1973, sem dramatizar o que ocorreu, mas sim vejo e revejo todas as cenas como quem assiste ao mesmo filme várias vezes, talvez querendo desvendar algum mistério ou querendo modificar seu final..., ahhh como seria bom se pudéssemos voltar no tempo ou voltar o tempo, com toda certeza quem de nós não faria significativas mudanças em fatos que fugiram ao nosso controle ou nossa vontade..., sonhar não faz mal a ninguém, talvez ajude a amenizar a dor.

O acidente que acometeu minha irmã mudaria para sempre não só sua vida de maneira radical, mas também trouxe mudanças definitivas para nossa família; nossa tia Alexandra, casada com tio Neno, residiam em São Paulo já há algum tempo, e não hesitaram em buscar recursos médicos que pudessem melhor atender às necessidades requeridas pela lesão sofrida por minha querida Mana e não tardaram a providenciar sua ida para aquela distante cidade onde os recursos certamente eram incomparavelmente maiores e melhores.

Desta maneira as chances de uma recuperação concreta seriam consideráveis e assim a levaram para que iniciasse um tratamento no Hospital das Clínicas.

Eu que sempre fora muito apegado à minha irmã, naturalmente senti muito o peso daquele distanciamento repentino, da noite para o dia me vi sozinho sem minha eterna amiga e companheira inseparável, experimentei dias de profunda solidão me sentindo totalmente perdido e desamparado..., apesar disso me matinha calado diante de meus pais, nunca fui de manifestar abertamente minhas emoções, não por timidez, creio mesmo que para não aumentar ainda mais suas preocupações.

Neste período passei a percorrer longos trajetos com minha bicicleta..., uma Caloi que eu comprara com o aval do meu pai que viabilizou um crediário, cuja responsabilidade pelo pagamento das prestações era inteiramente minha..., certamente querendo entender ou talvez reverter os efeitos daquele terrível acidente, refiz intermináveis vezes o último trecho daquele o caminho na cidade Universitária, local daquele sinistro.

Lembro-me claramente que permanecia horas sentado naquele local sempre pensativo, como se quisesse realmente modificar todo o ocorrido..., depois de algum tempo seguia pedalando até um lago existente nas proximidades, chamado Lago do Amor, sentado às suas margens contemplava enquanto deixava o movimento das águas levarem meus pensamentos como se quisesse viajar por eles e assim reencontrar minha querida Mana..., inevitavelmente eu sempre aumentava o volume daquele lago com minhas lágrimas.

Hoje carrego comigo a certeza inconteste de que aquela experiência, mais do que momentos de fuga ou busca, me permitiu desenvolver um mecanismo de defesa diante das adversidades da vida, percebo nitidamente que este mecanismo foi e continua sendo decisivo nos momentos cruciais de toda minha trajetória existencial, posso afirmar sem pestanejar que todo ser humano trás dentro de si uma